



TATUAGEM: MUITO ALÉM DA PELE

Edileide de Souza Godoi¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho é apenas uma pequena amostra de nosso trabalho de doutorando, **O processo de subjetivação e identidade no discurso da tatuagem**, que vem sendo desenvolvida junto ao programa de pós graduação em linguística/ PROLING -UFPB.

Nosso projeto aceita a afirmação que os sujeitos se subjetivam na e pela linguagem, pois, segundo Foucault (2004) no funcionamento da linguagem temos um complexo processo de constituição do sujeito e produção de sentidos, por isso, propomos investigar no funcionamento discursivo da escrita do corpo (tatuagem) como o sujeito se constitui enquanto sujeito de uma prática articulada às relações interdiscursivas e à memória discursiva, buscando na dispersão enunciativa dos discursos da tatuagem (comunidades, blogs de tatuagem) as regularidades que apontam não apenas uma forma de comportamento na sociedade, mas que produzem um determinado saber que permite investigar os sujeitos e seu processo de identificação através da escrita na pele.

Analisar como acontece o processo de subjetivação do sujeito dentro da rede discursiva que toma a tatuagem como objeto faz emergir alguns questionamentos: há um acontecimento discursivo em que se exploram novas formas de significar o corpo ou há um acontecimento discursivo em torno da escrita do corpo que sofre interdição? Quais processos simbólicos irrompem nessa prática discursiva da escrita no corpo na contemporaneidade?

Compreender a textualização no corpo contemporaneamente é, em alguma medida, compreender as novas formas de significar o corpo e significar os sujeitos, ou seja, o desejo de constituição de outras formas sujeitos além das impostas pela comunidade de fato (família, igreja, empresa, nação, etc.), podendo, assim desempenhar reconhecimento de seu desejo e de seu ser. Conforme Ravel (2005, p.83) o processo de subjetivação são práticas de objetivação que permite constituir-se sujeito de sua própria existência. “Trata-se de compreender as modalidades de uma relação consigo, que envolve a realização de uma prática continua de procedimentos de escrita de si e para si”.

Foucault (2007) propõe que o processo de subjetivação deve ser entendido como práticas refletidas e voluntárias que não somente fixam regras de conduta, mas também procuram transformar-se, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.

É a partir desse processo de subjetivação proposto por Foucault que chegamos ao que se entende, contemporaneamente, por sujeito. Para ele o sujeito é reconhecido no duplo processo: o indivíduo é transformado em sujeito pelas práticas de subjetivação, pré-construído por um saber

¹ Aluna de doutorado UFPB/PROLING



poder que o determina. Por outro lado, o processo de subjetivação se dá na relação consigo, por meio de técnicas que lhe permite constituir-se sujeito da própria existência.

Entender o sujeito contemporâneo, através de práticas de subjetivação, determinado sócio-historicamente, e técnicas de si para consigo, nos propõe pensar a escrita no corpo como receptor e produtor de uma escrita para si que alimenta no sujeito a liberdade e o constrangimento a certos procedimentos de controle, pois segundo Milanez (2009, p. 14), “a confecção de subjetividades nos permite estar dentro e fora, compor a dobradura da história com poder e resistência.”

O que somos não é objetivado aleatoriamente, mas por um conjunto de práticas construídas ao longo do tempo, portanto, as escolhas que fazemos, o que comemos, o que lemos, o que escrevemos, vestimos, etc., fazem parte de um conjunto de atenção para si, de quem somos.

Tomamos para nosso trabalho que os sujeitos que enunciam um discurso da tatuagem no corpo ainda, em certa medida, vem recusar as técnicas de conhecimento e de controle das subjetividades, criando, produzindo, inventando novos modos de estilos, novas ligações comunitárias, daquelas implantadas pelas modernas técnicas e relações de poder. Há um conjunto de práticas voltadas para si que fazem parte do processo de constituição do sujeito.

“ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos [...], práticas que constituem uma espécie de fenômeno extremamente importante não somente na história das representações, mas na própria história da subjetividade, ou, se quisermos, na história das práticas de subjetividade” (FOUCAULT, 2004, p. 15-20).

Tatuagem: escrita de si para si

Queremos, assim, nos atrever a problematizar uma escrita de si para si, reveladora de um tipo de procedimento que singulariza sujeitos. Acreditamos que a escrita no corpo/tatuagem faz parte de um universo simbólico que particulariza e identifica sujeitos. Uma prática discursiva que, em certa medida, luta contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetivação e submissão que lhes são impostas e oferecidas através das *técnicas de si*. Foucault (1982), enxerga que as diferentes técnicas que modificam os indivíduos em sujeitos atraem diversas formas de lutas e resistência.

Ansiosos por romper com o puritanismo imposto pela igreja e pelo estado totalitário, a partir de 1968 nossos jovens vêm buscando imagens e canais alternativos para expressar uma subjetividade privada, publicando seu “eu” no espaço público. As pichações, grafites ganham as ruas, a cidade, mas, “logo depois, talvez tenhamos percebido que a cidade era de todos, e o que é de todos, não é de ninguém”. (RAMOS, 2002). Assim, passamos a textualizar nosso próprio corpo, único canal posto permanentemente à nossa disposição, fazendo do corpo um espaço de liberdade. Orlandi (2006, p. 270), concebe que o sujeito dá continuidade a esses processos de significação do eu na pele.



O sujeito acaba textualizando o próprio corpo: o piercing, a tatuagem. Do lado de fora, o excesso transborda, tudo é texto, é escrita, e o sujeito se subjetiva escrevendo também para todo lado. Daí a voltar-se para si mesmo é um passo que é dado: o corpo se textualiza. Inscrição no corpo como anúncio/denúncia de que o confronto do simbólico com o político faz problema (reivindicação de si). Fora: várias camadas de publicidade, de pichações, de letras assinadas nas diferentes superfícies [...] Isso representa como um trabalho do excesso do sujeito no sujeito: transbordando de um excesso de linguagem o tempo todo visível sobre o sujeito, que passa a necessidade de um excesso de marcas visíveis em si mesmo. (ORLANDI, p.270, 2006)

A idéia do sujeito pós-moderno (disperso, múltiplo, volátil) sustenta no indivíduo a construção de técnicas de si, o desejo de códigos, símbolos e estilos de viver. Este sujeito da ética de si, percebido no discurso da escrita na pele, ao modo foucaultiano, pode ser pensado a partir de novas ordens subjetivas do corpo. Mas como se coloca uma escrita marcada, “para sempre”, na pele em uma “sociedade do consumo”, de enunciados efêmeros, sujeita as “tramas da mídia”? Como essa prática ganha adeptos estando fora/dentro dos processos midiáticos? Segundo Gregolin (2003), a mídia, sendo uma fonte poderosa e inesgotável de produção e reprodução de subjetividade, os meios de comunicação compelem os consumidores a adotarem um estilo singular.”²

Há um conjunto de formulações que vem sendo construído, midiaticamente, em torno dos discursos da tatuagem em que a escrita na pele sai dos guetos e ganha os corpos malhados de pessoas famosas, de jovens de classe média e alta, traçando assim um conjunto de dizeres diferentes daqueles traçados no imaginário social em torno da marginalidade.

Acatando essa afirmativa, venho investigando estruturas e acontecimentos que irrompem nos meios de comunicação (revistas, blogs, comunidades) sobre a tatuagem, tomando o próprio corpo e tendo como efeito a produção de subjetividade ao passo que constrói estilos de viver diferentes.

Conforme Breton (2004) “esses novos usos lançaram por terra os antigos valores negativos que lhes estavam associados. Doravante são decisões sobre si que cristalizam uma larga parte do entusiasmo das novas gerações.” (BRETON, 2004, p.9)

ANÁLISE

Reconhecendo que no discurso tomamos para análise as estruturas e o acontecimento, tomo neste trabalho, para uma análise discursiva a reportagem da revista *Veja*, edição especial, 2003, onde enunciados vem apresentar um novo lugar a prática da tatuagem. A edição aborda “a *galera ilustrada*”, “o retrato de uma geração” (*veja*, 2003, p.12).

“A tatuagem já foi sinal de rebeldia. Hoje é apenas decoração do próprio do corpo”

² GREGOLIN, M.R. Discurso, história e identidade na mídia. In: MALUF, O. (org.). Discurso, Sujeito, história (no prelo)



“Foi-se o tempo em que a tatuagem era símbolo de rebeldia. De tão comum, virou um acessório do corpo. Depois da fase dos desenhos tradicionais de marinheiros, do abstracionismo dos símbolos tribais e dos motivos orientais, com dragões e ideogramas, a moda são os grafismos e a releitura de motivos clássicos, como corações partidos e personagens de história em quadrinhos, sobretudo com efeito de 3D. Discretas, as tatuagens conquistaram a pele de modelos, das patricinhas e dos adolescentes em geral.”(VEJA, 2003, p.53).

Para se trabalhar nesse jogo enunciativo proposto pela revista é suscetível colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis. A primeira questão é: será que a tatuagem, agora, como decoração do próprio corpo não sofre interdições? Por que será que a revista, simultaneamente, diz que a tatuagem é símbolo de moda, mas deve ser feita de preferência em locais que a roupa esconde. Se é considerada, sinônimo de beleza e moda por que deve estar escondida? **“Podem ser flores discretas e até uma escancarada chama em estilo tibetano, de preferência em locais escondidos pela roupa”**

A tatuagem, embora há muito estivesse presente em diferentes culturas, marcando diferentes lugares e comunidades, em nossa sociedade até pouco tempo esteve restrita a alguns grupos tidos como marginais, no entanto, hoje ela passa a ocupar um novas formas de subjetivação, arriscando-se a outros lugares, outros modos de marcar sujeitos.

Após os anos 60 e 70 a prática da tatuagem sair dos guetos, símbolos das classes marginais, passando a fazer parte da arte plástica, da moda, da beleza deixando o lugar de provocação contra a cultura e amoral estabelecida e passa a ressignificar um campo de saber-poder, articulando-o a novas regras e coerções. Para Foucault (2001), a maior parte das funções de poder- contra os quais os sujeitos resistem - só são difundidas pelas vias do saber.

O saber em torno da prática da tatuagem após o século xx se dá com os avanços tecnológicos aliados a certas “vanguardas” culturais, tornando acessível um número muito maior de pessoas tatuadas. Com a criação da primeira máquina de tatuagem criada em 1891 por O'Reilly em Nova Iorque, o processo se torna mais rápido e mais popular (CARUCHET: 1995).

Os anos 60 e 70 inserem a tatuagem no mundo da contracultura de da indústria pop. **Hippies, punks e choppers**, esses grupos - cada um a sua maneira – procurando ocupar um novo espaço sócio, político e estético apoderaram-se do seu mais imediato meio de comunicação, o corpo. O movimento pacifista dos *hippies* e a cultura *Rock'n'Roll* foram férteis para os que queria tatuar



corpo. Mas a tatuagem ainda estava, de alguma forma, à margem, e em certa medida simbolizava uma forma de protesto social (SCHIFFMACHER:1996).

O que nos inquieta nos desafia a uma escavação arqueológica sobre a inscrição na própria pele através das tatuagens é: será que diante das transformações sócio-culturais ocorridas no período compreendido por muitos teóricos como pós-modernidade ou “modernidade líquida” (BAUMAN, 2007), a textualização no corpo é uma forma de subjetivação resistente a técnicas de si imposta pela sociedade capitalista ou mais uma forma de pertencimento a um determinado grupo? Para Breton (2004), o sujeito do desejo quer marcar, tatuar o sinal da sua diferença. A busca de si entre as múltiplas facetas vivenciadas pelos sujeitos modernos está relacionada aos mais variados modos de subjetivação.

Até aqui, percebemos que a escrita no corpo tanto marca um lugar em que os sujeitos estão inseridos, um desejo de grupo, como emerge no interior de lutas contras práticas de subjetivação imposta socialmente, criando assim novas formas de ser e novos estilos de viver.

Entendemos, assim, que a prática da tatuagem como dispositivo pelo qual os indivíduos são levados a prestar atenção a si mesmo, procuram reconhecer-se como *sujeito de desejo* “ao estabelecer de si para si uma relação que propicia descobrir, no desejo, o que seria a verdade de seu ser, mesmo que natural ou decaído. (MILANEZ, 2004, p.187).

REFERÊNCIA

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BRETOM Le, *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas*. Trad. Tereza Frazão, 1ª ed. março, 2004.

CARUCHET, William. *Le tatouage ou le corps sans honte*. Paris: Éditions Séguier, 1995.

COURTINE, J. J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 3 (As mutações do olhar: século XX

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. *A ordem do discurso*. 11ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *A Hermenêutica do sujeitos*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Identidade objeto ainda não identificado?* Disponível em www.cchla.ufpb.br/proling, acessado em 12/10/2008.

_____, Maria do Rosário. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org). *Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Clara Luz, 2006.

_____, Maria do Rosário. (org). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. 2ed. São Carlos: Clara Luz, 2003.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
V SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
O acontecimento do discurso: filiações e rupturas
Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011

MILANEZ, Nilton. *As aventuras do corpo: dos modos de subjetivação às memórias de si* em revista impressa. 2006. 209f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006.

SCHIFFMACHER, Henk. *1000 Tattoos*. Colônia: Taschen. 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Clara Luz, 2005.